

# Diálogos sobre paisagem: explorando e transformando espaços escolares

**Pedro Augusto Dutra de Oliveira**

Universidade Federal de Juiz de Fora (MG)

**Renata Oliveira Caetano**

Universidade Federal de Juiz de Fora (MG)

*Dialogues about landscape: exploring and transforming school spaces*

---

## Resumo

O presente texto traz uma proposta de diálogo entre Música e Artes Visuais em torno do estudo da paisagem, tanto visual quanto sonora. A partir dos diversos espaços da escola buscou-se construir um processo de apropriação, intervenção e múltiplas possibilidades de criação artística. Compreender as diversas paisagens da escola como pertencentes a todos aqueles que a frequentam, possibilita um processo de conscientização de que a mudança visual e sonora, destes e de outros ambientes, é de nossa responsabilidade, buscando ambientes visuais e sonoros mais saudáveis.

**Palavras-chave:** Criação Artística. Paisagem Sonora. Paisagem.

---

## Abstract

The present text brings a proposal for a dialogue between Music and Visual Arts around the study of visual landscape and soundscape. From the different spaces in the school, we sought to build a process of appropriation, intervention, and multiple possibilities for artistic creation. Understanding the various landscapes of the school as belonging to all those who frequent it enables a process of awareness about these places. It also enables a visual and sound change, of these and other environments, as something that is our responsibility, seeking healthier visual and sound environments.

**Keywords:** *Artistic creation. Soundscape. Landscape*



## Introdução

Falar de paisagem no campo da visualidade, pode até nos remeter àquilo que vemos de nossas janelas. Mas para pessoas que conhecem os estudos artísticos sobre o tema, é quase impossível fugir das imagens muito comuns em grandes museus, daquelas pinturas que compunham um gênero de representação de cenas da natureza, sem fazerem referência a alguma narrativa específica. Em música, muitas vezes nos remetemos à percepção dos sons ao redor, num processo de identificação que corre o risco de não ter outros desdobramentos como, por exemplo, processos de criação musical. Mas, quando trazemos esses conhecimentos para as nossas vidas e percorremos nossos espaços cotidianos, como a própria escola, com olhos e ouvidos atentos, caminhamos no sentido de ter uma outra experiência da e na paisagem. Ativar diferentes intencionalidades ao vivermos a ambiência escolar, pensando e participando de processos de criação e intervenção nela, nos ajuda na apropriação que fazemos destes espaços, em como nos percebemos neles e nas possibilidades de transformação.

Em 2019, a partir de um projeto elaborado entre o autor e a autora deste artigo, respectivamente professor de Música e professora de Artes Visuais, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, as crianças do 2o. ano do Ensino Fundamental tiveram uma experiência diferente sobre esse tema. Elas viram como os distintos tipos de paisagem podem existir, sobretudo a partir daquilo que era visto/ouvido dentro da escola. Tratou-se de um processo de criação que se expandiu e gerou diferentes possibilidades de resultados. Nesse sentido, a proposta que aqui



Figura 1 - Estudante executando o hidrofone.  
Fonte: registro dos autores

apresentamos, visa mostrar os processos e a repercussão desses diálogos, mostrando também como é possível, mesmo em contextos escolares com poucos recursos e materiais, um trabalho de educação musical e visual que parta do próprio contexto escolar.

Sob uma perspectiva pedagógica interdisciplinar, buscou-se um encontro entre ambas as linguagens artísticas que possibilitasse a construção de novas formas de ver e ouvir, ou seja, novas formas de perceber o espaço da escola.

A construção do pensamento e das ações interdisciplinares pressupõe a reexploração das fronteiras das disciplinas científicas; a integração dos saberes disciplinares; a inserção do ser humano no mundo de uma forma holística; a promoção e superação da superespecialização; a integração nos processos educacionais da teoria com a prática; a aplicabilidade da ação cotidiana no aprendizado e a busca do desenvolvimento integral do indivíduo (CUNHA; LIMA, 2020, p.114)

O Colégio de Aplicação conta atualmente com cerca de 1050 estudantes em 28 turmas de Ensino Fundamental (I e II) / 9 turmas de Ensino Médio/ 9 turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Entre as ações desenvolvidas nesse contexto, estão a formação inicial e continuada de professores, numa perspectiva voltada para o ensino, a pesquisa e a extensão. Falando sobre a área de Arte, nossa equipe é composta por 4 professores de Artes Visuais, 3 de Música e 1 professora de Dança. Com as crianças até 10 anos trabalhamos com 2 aulas semanais; os adolescentes a partir dos 11 anos tem 1 aula semanal. Em sua maioria, as turmas são divididas, contando sempre com dois professores atuando simultaneamente.

Especificamente com as turmas do 2º ano do Ensino Fundamental, onde a presente proposta foi realizada, o trabalho se concentra entre as linguagens da Música e das Artes Visuais. Nós partimos de planejamentos conjuntos, buscando construir propostas dialógicas que potencializam um envolvimento comum com ambas as linguagens artísticas a partir dos mesmos assuntos. Normalmente trabalhamos com as turmas divididas, em processos de experimentação. No caso do segundo ano, optamos por trabalhar essa divisão de ma-

neira bem fluida, ora estando com a turma toda e com ambos os professores em sala, ora dividindo por períodos determinados a depender do planejamento. Fomos percebendo que dessa maneira os alunos transitavam entre as linguagens fazendo conexões importantes entre elas.

Partimos da ideia de desenvolver com as crianças estudos sobre paisagem, tanto nas Artes Visuais quanto na Música, usando o espaço em que elas diariamente transitavam, a escola. A proposta buscava não apenas apresentar como a paisagem poderia ser percebida de diferentes maneiras, mas também de levá-las a revisitar a escola, procurando possibilitar a apropriação de seus espaços e refletindo sobre como seria possível, a partir delas mesmas, intervenções em suas diversas paisagens.

Em Música as crianças iniciaram o trabalho a partir do conceito de “Paisagem Sonora”, elaborado pelo educador e compositor canadense Murray Schafer (1933-2021). Assim como o olhar atento compreende o conjunto de estímulos visuais que compõem uma determinada paisagem, a escuta atenta também nos possibilita contato efetivo com a paisagem sonora que nos envolve. Segundo Fonterrada (2012), o grande objetivo do trabalho de Schafer foi buscar um processo de conscientização, entre alunos e pessoas, a respeito da paisagem sonora. Conscientização que nos leva a perceber a paisagem sonora do mundo, para então transformá-la segundo nossas escolhas. Buscar um trabalho a partir das propostas de Schafer objetivava levar as crianças a compreender o espaço escolar cotidiano delas, refletir sobre ele, buscando uma conscientização de que são espaços constituídos e elaborados também por

1. Em uma turma de 30 alunos, por exemplo, trabalhamos com 15 alunos na Música e os outros 15 alunos nas Artes Visuais. São estabelecidos temas para conjuntos de aulas que podem variar entre 2 ou 6. A partir de um planejamento conjunto, trabalhamos o tema nas duas linguagens. Fechado o ciclo em torno daquele conjunto de aulas, o processo se inverte. Assim, quem estava nas aulas de Música vai para as aulas de Artes Visuais e vice-versa. Em outros momentos, todos estavam juntos, com os dois professores em sala. Tudo isso possibilita que todos passem pelas duas linguagens artísticas mantendo uma constância entre as trocas e potencializando o diálogo entre as linguagens.

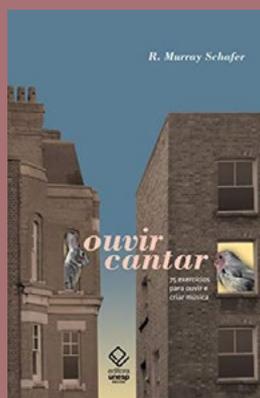
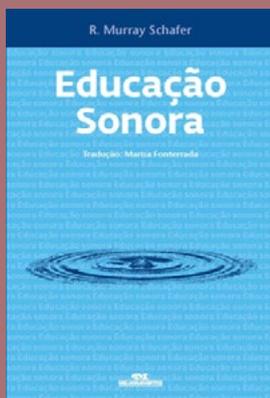
elas, percebendo a possibilidade de transformação e criação nesses e a partir desses espaços.

Fonterrada (2009) diz ainda que é muito caro para Schafer uma educação musical pautada em processos criativos, para além de um ensino de música que se limite à reprodução ou treinamento. Possibilidades de criação que para Schafer são possíveis inclusive a partir da organização de materiais recolhidos no ambiente.



### Para saber mais

Para propostas de atividades e exercícios que contemplem uma educação sonora, indicamos duas obras de Schafer: A primeira, intitulada “Educação Sonora” e publicada pela editora Melhoramentos e a segunda intitulada “Ouvir Cantar - 75 exercícios para ouvir e criar música”, publicada pela editora Unesp.



Nas Artes Visuais tudo começou a partir da pergunta: O que é uma paisagem? Por meio da escuta dos estudantes, foi possível compreender de quais pontos de vista os estudantes partiam para pensar o assunto. Assim, deu para mapear se alguém já tinha algum conceito elaborado e aproveitar o momento para fazer observações mais gerais. Foi possível também apresentar algumas imagens de paisagens reais. Da cidade na qual nos localizamos e de outras, tentando articular alguma variedade de vistas rurais, urbanas e praianas.

A partir dessa conversa com as crianças, foi possível entrar no campo das Artes Visuais. Elas conheceram um pouco sobre um conjunto de artistas que ficaram bem conhecidos por suas paisagens em pinturas ou desenhos. A tentativa foi sempre equilibrar o trabalho de mulheres e homens, além de escutar os estudantes antes de trazer as informações sobre as obras. Entre eles apresentamos imagens de obras de John Constable (1776 -1837), William Turner (1775 - 1851) Gabriele Münter (1877-1962), Rosa Bonheur (1822 - 1899), Gustave Caillebotte (1848-1894) e Tarsila do Amaral (1886-1973).

Contudo, para prepararmos as crianças para uma experiência diferente sobre a paisagem, foi fundamental mostrar para elas que pensar sobre a paisagem no campo das Artes Visuais, significa ir além da mera representação daquilo que é visto. Nos acostumamos com as “Pinturas de Paisagem”, gênero artístico que se firmou no século XVII e que foi marcado por vistas grandiosas ou pelos registros de viagens de muitos artistas. Elas nos apresentam, por meio da subjetividade de cada artista, como somos minúsculos diante do mundo. Mas ao longo dos anos, vários artistas foram percebendo que suas criações eram filtradas pela forma como percebiam ou, até mesmo, alteravam a paisagem.

Tendo isso em mente, perguntamos para as crianças se elas achavam que a paisagem só mostrava a vista de algum lugar. Isso foi uma provocação para abalar as certezas dos estudantes. Muitas vezes vemos como eles têm pouco contato com obras de arte contemporâneas. Então é importante levá-los à uma reflexão que vai além da ideia de representação. Por isso, apresentamos alguns artistas que criavam ou interferiam em paisagens reais, como Agnes Denes (1931), Christo (1937-2020) e Jeanne-Claude (1937-2009), Richard Long

(1945), Rachel Whiteread (1963), Marcelo Silveira (1962) e Rosângela Rennó (1962).

Apresentaremos agora os processos realizados com os estudantes. Embora tenhamos optado por uma apresentação fragmentada, com a exposição de todo o processo em música e depois a exposição de todo o processo em artes visuais, é importante lembrar que foram ações conjuntas em que os estudantes transitavam quase que ao mesmo tempo por ambas as ações.

## Diálogos sobre paisagem na prática: os sons do João

O trabalho com paisagem em música foi concebido em três etapas processuais. A primeira, denominada **Passeios Auditivos**, procurou captar as sonoridades produzidas em várias paisagens existentes dentro do Colégio: o pátio, a biblioteca e “a matinha”, uma área verde da escola, local repleto de sons da natureza. Após essa etapa, passamos ao que denominamos **Quando a Paisagem vira música**, momento em que trouxemos elementos reunidos nos vários ambientes visitados, como pedaços de pau, folhas secas, garrafas, chaves, dentre outros, e em um processo criativo produzimos música, além de criarmos diversos instrumentos musicais com tais elementos. Por fim, a terceira etapa, chamada **A música da paisagem**, foi o momento em que realizamos um arranjo coletivo da música “Peixinhos do Mar” com os instrumentos que foram construídos. Buscamos levar os alunos a perceberem os sons que os envolvem, além de estabelecer processos criativos a partir de tais sons.



Figura 2 - Estudantes durante os passeios auditivos.  
Fonte: registro dos autores.

### Passeios auditivos

Segundo Schafer “o passeio auditivo é simplesmente um passeio concentrado na audição”, se distinguindo dos passeios sonoros, que para o autor “é uma exploração da paisagem sonora de uma determinada área usando-se uma partitura como guia” (SCHAFFER, 2011, p. 297). O objetivo dos passeios auditivos é que se perceba o conjunto de sons que fazem parte de determinado ambiente, sua paisagem sonora. A proposta discutida com os estudantes partiu dos seguintes questionamentos feitos e debatidos anteriormente em sala de aula: Qual a paisagem sonora de nosso Colégio? Existe mais de uma? Em nosso Colégio existe muita poluição sonora? Como identificar e pensar sobre a paisagem do Colégio? É possível pensar a transformação da paisagem sonora do Colégio? Após um espaço de debate e discussão, chegamos à conclusão que deveríamos ir a campo, buscar identificar, anotando e/ou desenhando, com o uso de pranchetas, a paisagem sonora de três ambientes distintos do Colégio. A cada aula fazíamos um passeio auditivo em um dos ambientes, seguido da discussão e reflexão sobre ele. Durante os passeios também nos habituamos a realizar um exercício de escuta,

2. Sobre os artistas que serviram como referência para o trabalho, fizemos duas postagens no site do Programa de Extensão Arte em Trânsito sobre o assunto. Cf.: [https://arteemtransito.com.br/site/pt\\_br/2020/04/paisagem-nas-artes-visuais/](https://arteemtransito.com.br/site/pt_br/2020/04/paisagem-nas-artes-visuais/) e [https://arteemtransito.com.br/site/pt\\_br/2020/04/paisagem-nas-artes-visuais2/](https://arteemtransito.com.br/site/pt_br/2020/04/paisagem-nas-artes-visuais2/)

3. “Matinha” era o nome que nós, estudantes e professor, usávamos para denominar este espaço.

onde ficávamos em silêncio, com ouvidos abertos, durante 1 minuto, buscando captar a paisagem. As discussões que eram geradas após os passeios nos fizeram perceber como dentro de uma mesma escola há paisagens sonoras tão distintas, além de também evidenciar como a poluição sonora predominante impedia a percepção de outras fontes sonoras.

**1) O pátio** – onde foi possível perceber suas sonoridades próprias, a sonoridade das salas de aula ouvidas do pátio, a movimentação de pessoas, os sons que habitualmente, principalmente nos intervalos, não são possíveis de se ouvir neste espaço. O passeio sonoro no pátio possibilitou perceber a escola fora dos momentos de intervalo, já que habitualmente os estudantes o frequentam na entrada/saída e no recreio, momentos em que há outra paisagem sonora no mesmo espaço. Transitar no pátio nos momentos de aula possibilitou, por exemplo, captar outras paisagens e outras poluições, como por exemplo, a fala muitas vezes demasiadamente forte de professores e funcionários.



Figura 3 - Estudantes durante os passeios auditivos.  
Fonte: registro dos autores.



Figura 4 - Estudantes durante os passeios auditivos.  
Fonte: registro dos autores.



Figura 5 - Estudantes durante os passeios auditivos.  
Fonte: registro dos autores.

**2) A Biblioteca** – Grande desafio e curiosidade, justamente por ser um espaço entendido como “silencioso”. Nesse espaço foi possível perceber sonoridades normalmente não percebidas, como a passagem das páginas de um livro, a sonoridade de alguém digitando no teclado do computador, a sonoridade ao ser solicitado o silêncio (Psii!!!). Foi possível perceber também como é a paisagem sonora da biblioteca em momentos em que ela está ocupada por outras turmas de estudantes e em momentos em que ela está sem grande presença de estudantes, apenas com a

bibliotecária. Uma percepção interessante, já que habitualmente eles conheciam a biblioteca majoritariamente a partir da primeira perspectiva.

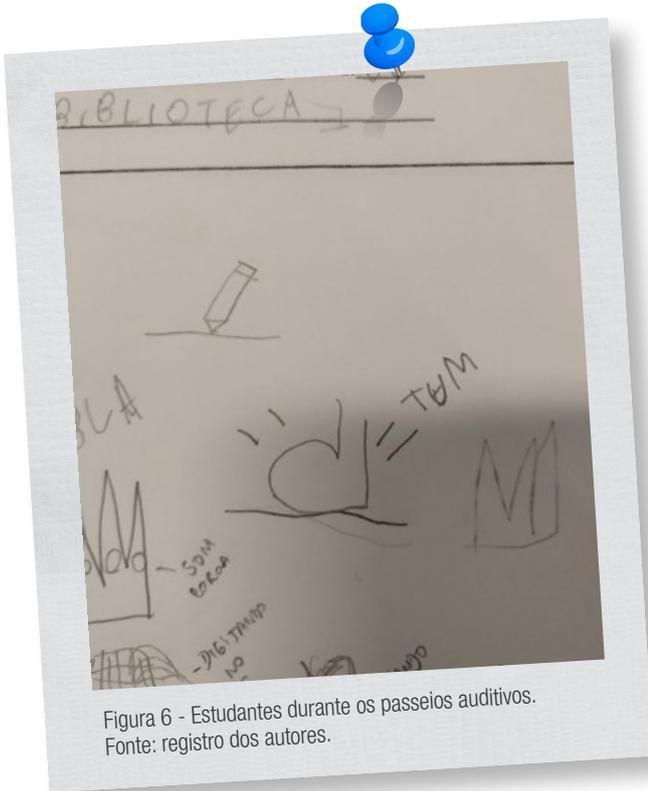


Figura 6 - Estudantes durante os passeios auditivos.  
Fonte: registro dos autores.

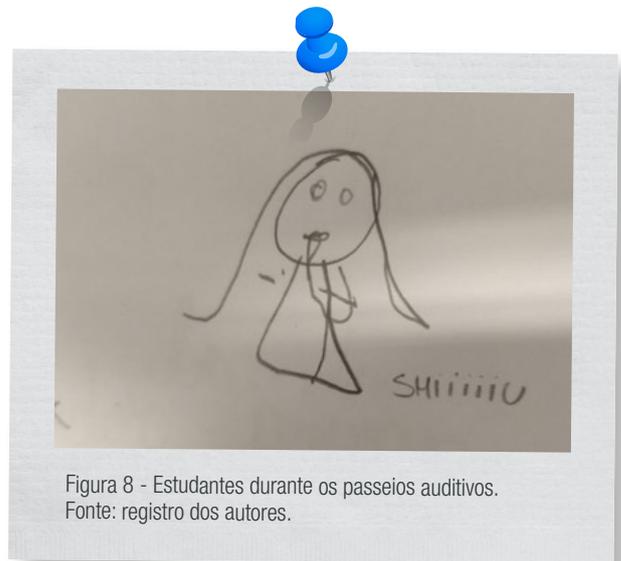


Figura 8 - Estudantes durante os passeios auditivos.  
Fonte: registro dos autores.

**3) A matinha** - Espaço verde do colégio, com ampla vegetação, onde foi possível perceber o som do vento nas árvores, pássaros e diversos animais como o mico e o quati, a sonoridade ao se pisar nas folhas secas, dentre outros sons. Esse passeio foi bem impactante, pois nos levou a perceber paisagens que em muitas ocasiões acabam desaparecendo, levando em consideração outras poluições sonoras do colégio. Foi possível refletir com os estudantes sobre o privilégio de ter um colégio instalado neste espaço que proporciona tal paisagem sonora, além de refletir em como melhor se aproveitar dela ou como possibilitar que tais sonoridades não desapareçam em consequência de outras.



Figura 7 - Estudantes durante os passeios auditivos.  
Fonte: registro dos autores.

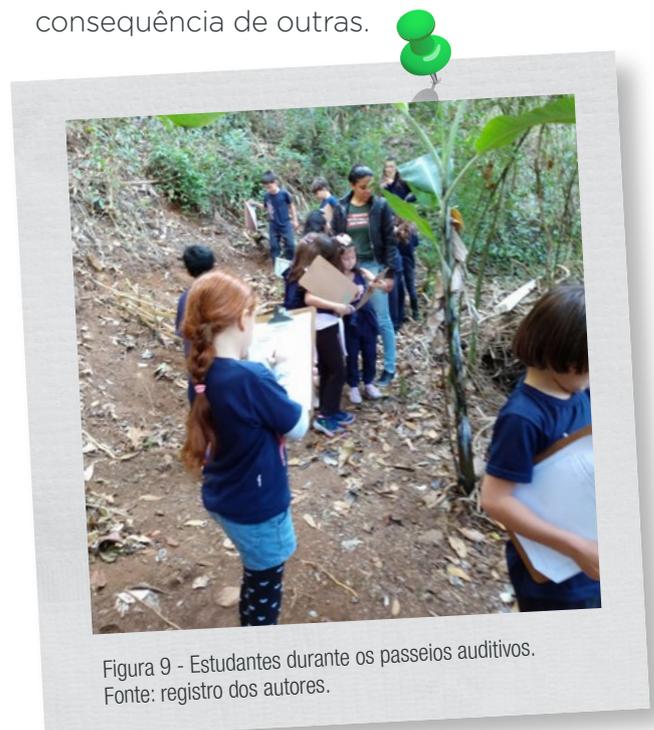


Figura 9 - Estudantes durante os passeios auditivos.  
Fonte: registro dos autores.



Figura 10 - Estudantes durante os passeios auditivos.  
Fonte: registro dos autores.



Figura 11 - Estudantes durante os passeios auditivos.  
Fonte: registro dos autores.

## Quando a paisagem vira música

A segunda etapa foi pautada na etapa anterior, ou seja, os sons que foram recolhidos e anotados pelos estudantes foram discutidos em sala de aula. Foi produzida uma grande nuvem de palavras, com as palavras de todas as crianças.

A partir delas, fomos percebendo cada som identificado. Nesse momento, a partir dos sons registrados, levamos para a sala de aula diversos materiais que produziam tais sons, como madeiras, garrafas de vidro, água, folhas secas distintas, sementes, papel, dentoutros. Muitos desses materiais foram recolhidos nos ambientes visitados do Colé-

Depois, foi possível discutir em como tais sonoridades poderiam ser organizadas musicalmente, sons mais fortes e sons mais fracos, sons mais agudos e sons mais graves, distintos timbres. Foi um momento de muita experimentação, ao se tocar musicalmente cada material, de maneiras di-



Quando a paisagem vira música

Figura 12 - Estudantes em processo de construção e exploração sonora.  
Fonte: registro dos autores.



Figura 13 - Estudantes em processo de construção e exploração sonora  
Fonte: registro dos autores.

ferentes e criativas. Verificamos como um material do cotidiano, com criatividade, pode nos trazer diferentes sonoridades e timbres. Ainda nessa etapa, houve a proposta de se construir instrumentos com estes e outros materiais. Foram construídos instrumentos já existentes, como um xilofone, o pau de chuva, chocalhos, carrilhão de chaves, mas também foram criados instrumentos novos como o “hidrofone”, instrumento que buscava reproduzir a sonoridade da água ao cair em uma lixeira de metal.

## A música da paisagem



Figura 14 - Momentos de ensaios com os instrumentos construídos  
Fonte: registro dos autores.

Por fim, a última etapa foi o momento em que ensaiamos e executamos os instrumentos construídos.

Por meio de um arranjo coletivo da música “Peixinhos do Mar”, foi possível um trabalho de execução musical com todos os alunos. Foi perceptível o envolvimento, a concentração, a aquisição de técnica, por parte de todos.

Como exemplo, descobrimos o quanto é preciso de concentração e técnica para se tocar o hidrofone, controlando a quantidade de água a cair na lixeira, para manter a mesma sonoridade e para não deixar com que a água termine antes do tempo em que ela deve soar no arranjo.

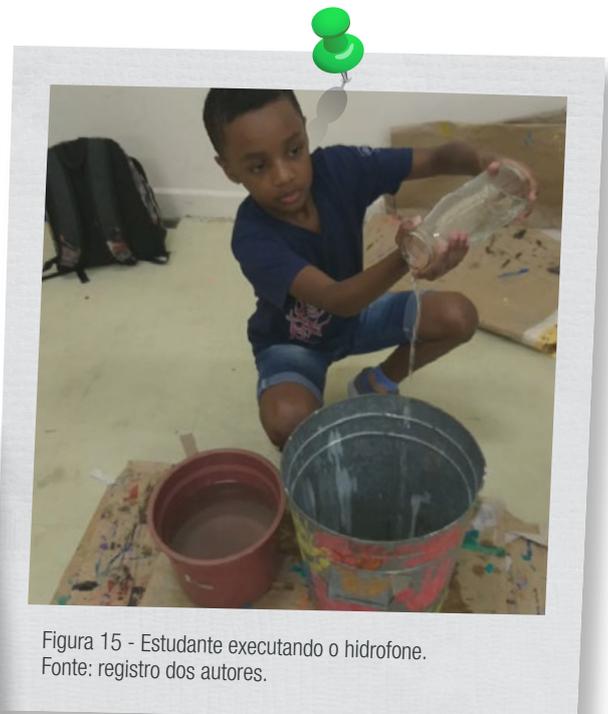


Figura 15 - Estudante executando o hidrofone.  
Fonte: registro dos autores.

## Diálogos sobre paisagem na prática: qual é o seu lugar na paisagem

Para falarmos sobre Paisagem no campo das Artes Visuais com as crianças do 2o. ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII, partimos de alguns princípios:

**1** Era importante oferecer referências visuais para as crianças, pois assim elas articulariam isso às suas próprias formulações na hora de produzir trabalhos práticos;

**2** A ideia central da proposta, estabelecida em 3 diferentes processos de criação, deveria partir do princípio de que as crianças não iriam reproduzir o que viam, mas criar as suas próprias leituras sobre o que viam/percebiam;

**3** A pergunta “Qual o seu lugar na paisagem?” seria central para fazê-los relacionar o que viam/criavam consigo mesmos, estabelecendo uma relação crítica em relação à paisagem e sua ação sobre ela.

**4** As relações de construção de uma paisagem visual estavam diretamente relacionadas ao trabalho da aula de Música, levando a uma percepção visual atravessada pela sonoridade do ser e estar na escola.

Dessa forma, foram desenvolvidas três propostas que visavam estabelecer outras vivências da paisagem, a partir de uma perspectiva estética e investigativa. Algumas etapas delas foram acontecendo simultaneamente, pois se tratava de processos longos de criação. Em **Selfeet**, as crianças escolheram seus locais favoritos no Colégio para fazerem uma selfie do pé. A proposta servia para cada um se pensar como parte da paisagem e, por meio dela, foi possível ver uma diversidade visual de espaços percorridos pelas crianças no interior do Colégio. Já em **Descascados**, fizemos um percurso que foi do desenho sobre a paisagem que víamos de nossa janela, passando pela incorporação da prática da artista Nerea Lekuona, até chegar à criação coletiva da paisagem da cidade, agrupando os desenhos feitos por cada criança no começo do processo. Esses exercícios invadiram os espaços da escola e ainda podem ser vistos lá até hoje. Enquanto aguardávamos as etapas de elaboração dos descascados, iniciamos a **Paisagem Imaginária**. Aqui, a proposta era inventar 5 elementos da paisagem que seriam feitos usando colagem e depois seriam agrupados, compondo duas grandes pinturas elaboradas com guache e colagem sobre papel pardo. Nelas construímos uma paisagem totalmente imaginada e desenvolvida coletivamente pelas crianças.

Figura 16 - Alguns registros das fotografias criadas pelas crianças  
Fonte: registro dos autores.

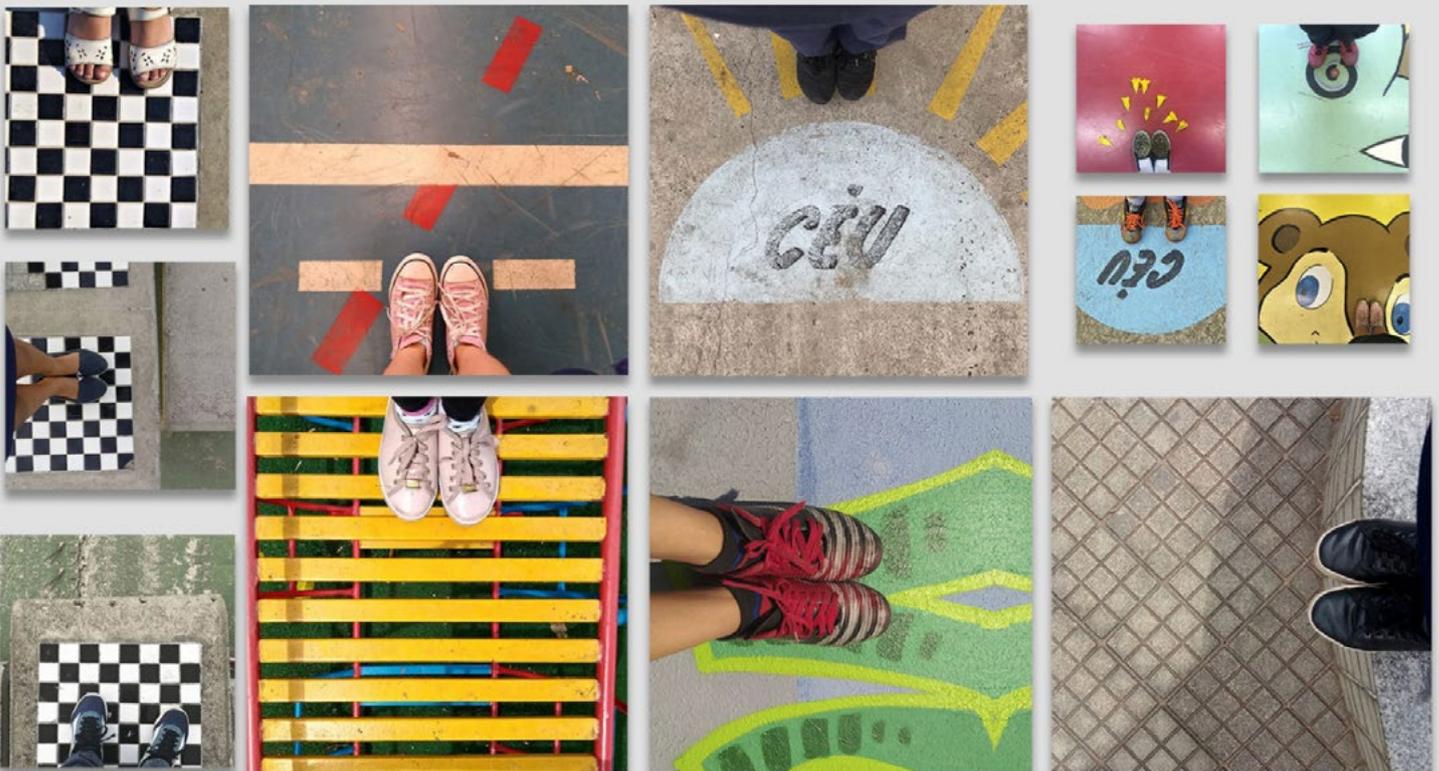


## Selfeet

Nós sabemos que algumas crianças dominam o mundo digital melhor do que muitos de nós! Levando isso em consideração, decidimos agregar algo dessa vivência em nossa proposta. Já faz um tempo que acompanhamos um perfil do Instagram chamado **Parisian Floors** (@parisianfloors) criado pelo fotógrafo alemão Sebastian Erras. Nesse perfil, Erras concentra uma fixação: tirar fotos de seus pés em belos pisos franceses.

Pesquisando um pouco mais, descobrimos que desde 2017 essa prática é tendência nas redes sociais. Para muitos, tirar esse tipo de fotografia significa poder mostrar seu status, em uma viagem bacana, mundo afora. No nosso contexto, o selfeet não significa status, mas sim, indica a ampliação da percepção da criança sobre os lugares que frequenta. Para tanto, pedimos que cada uma pensasse qual era o seu local preferido no Colégio. Fomos lá e cada criança fez o seu selfeet, em resposta à pergunta “Qual o seu lugar na paisagem?”

Figura 17 - Alguns registros das fotografias criadas pelas crianças  
Fonte: registro dos autores.



## Descascados



Figura 18 - Trabalho final, aplicado nas paredes da escola.  
Fonte: registro dos autores.

O processo que culminou nas colagens espalhadas pelos espaços físicos do Colégio de Aplicação, começou de forma bem simples. Como o Colégio se encontra em uma área alta da cidade, de suas janelas é possível ter uma visão linda da cidade de Juiz de Fora, com suas montanhas, muitos prédios, casas e vegetação. Organizamos pequenos grupos de crianças para irem à sala dos professores (de onde se tem a melhor vista). Elas se posicionavam livremente em frente à janela e nós colávamos

com fita alguns plásticos transparentes (em formato próximo do A4) em uma altura confortável para cada uma. A partir daí elas captavam com caneta marcadora, as partes que chamavam a atenção daquilo que viam. As linhas nem sempre refletiam o que estavam diante delas. Muitas crianças buscavam elementos na imaginação para resolverem os problemas de transposição daquilo que viam para o plástico. Mas isso foi incorporado ao processo.

Em sala de aula, cada uma transpôs o desenho feito no plástico para o papel sulfite. Nesse momento, mais elementos do imaginário começaram a aparecer, gerando percepções em distintos níveis sobre a cidade. Cada um desenhou a lápis, coloriu com lápis de cor e finalizou com caneta nanquim. Nesse ponto, apresentamos o trabalho da artista Nerea Lekuona, para que as crianças percebessem que é possível interferir artisticamente no ambiente,



Figura 19 - Detalhes dos desenhos das crianças aplicados nos espaços escolares.

Fonte: registro dos autores.



transformando a visualidade do cotidiano. Vimos algumas imagens, muitos estudantes fizeram as suas considerações. A partir disso, propusemos que cada desenho finalizado no papel, se transformasse em parte de uma composição. A ideia era somar as paisagens criadas pelas crianças em um único suporte. Esse suporte seria os decalques de descascados na pintura que temos espalhados, principalmente nas áreas externas do Colégio de Aplicação João XXIII. Assim, cada criança escolhia onde queria que sua paisagem entrasse.

Ao final desse processo apresentamos os decalques finalizados e em um momento que elas não estavam no Colégio, colamos todos em seus devidos lugares. Muitas perceberam e começaram a percorrer os espaços mais atentamente para localizar onde o seu trabalho estaria colado. Trata-se de uma proposta que parte do princípio da efemeridade para, de fato, acontecer. Justamente por isso, fotografamos todos, pois sabíamos que com o tempo alguns iriam se perder.

o assunto, facilitando a participação nas atividades de criação e reflexão. Observem que usamos a palavra “ampliar” e não “criar” um repertório. Justamente porque sabemos que as crianças têm as suas percepções sobre o mundo e isso não pode ser ignorado. É a partir desses elementos que elas estabelecem a maneira como vão acessar os conhecimentos que surgem nas aulas.

Sendo assim, este processo de criação tomou como princípio aquilo que as crianças trouxeram consigo para a escola, quando o assunto é paisagem. Assim, encerramos o ciclo de propostas com aquilo que veio diretamente delas. Para tanto, nós começamos com uma proposta elementar: elencar quais seriam para elas os elementos da paisagem. Muitas coisas foram citadas, dentre carros, ruas, nuvens, árvores, casas e outros. A partir disso, cada turma escolheu por votação apenas três elementos da lista feita conjuntamente no quadro. Pedimos que as crianças desenhassem 5 configurações visuais diferentes de cada

## Paisagem imaginária



Figura 20 - Alguns registros do processo de criação das paisagens imaginárias. Fonte: registro dos autores.

Nosso percurso se iniciou com a apresentação das referências que utilizamos para construir a abordagem para o tema. Isso não se deu por acaso. A meta era ampliar o repertório dos estudantes sobre

item escolhido. Elas teriam que inventar 5 casas diferentes, 5 árvores diferentes, por aí vai.

Na segunda etapa, cada uma deveria escolher o exemplar preferido de sua produção. Eles serviriam como referência para

uma colagem, no tamanho que a criança achasse adequado. Para essa parte do exercício, foram utilizados papéis coloridos (inteiros e retalhos). Algumas gostaram tanto da proposta que até fizeram mais elementos do que aquilo que havia sido solicitado inicialmente.

Antes de iniciar a montagem de nossa paisagem coletiva, relembramos alguns conceitos importantes. Retomamos as questões sobre perspectiva atmosférica, linha do horizonte, tamanho dos elementos na paisagem (o que está perto é grande, o que está a meia distância tem tamanho médio e o que está longe é pequeno). Todas essas questões haviam sido observadas na atividade em que desenharam apoiadas no vidro da janela.

Nós usamos como suporte para cada turma um papel pardo vendido a metro para a realização da etapa seguinte. Foram, então, cerca de 4 metros divididos entre as três turmas em cada metade, gerando assim duas grandes pinturas. Estabelecemos uma espécie de jogo para organizar a colagem dos elementos: com o papel pardo no

chão (ou colado no quadro) desenhamos a linha do horizonte nele. A partir disso, cada criança deveria escolher qual era o melhor lugar no papel para o seu elemento feito em colagem. Se era pequeno, elas ponderavam que o melhor lugar era mais próximo da linha do horizonte. Se era grande, elas buscavam posicioná-lo na parte inferior do papel, longe da linha do horizonte. Cada uma tomava essa decisão e as demais tinham que prestar atenção para perceber onde os seus itens entrariam, a partir da ação dos colegas que vinham antes deles no processo de colagem.

Com tudo no lugar, ainda demos um tempo para que elas comesçassem a desenhar as áreas em torno dos elementos colados: ruas, áreas verdes, praias, lixão, foram algumas coisas que saíram nesse momento. Para a pintura, dividimos as quinze crianças de cada metade das turmas em 2 grupos. Enquanto algumas pintavam a parte inferior do trabalho, as outras desenhavam a partir de uma atividade que dialogava com as questões dos elementos da paisagem. Na aula seguinte, essa divisão era invertida.



Figura 21 - Alguns registros do processo de criação das paisagens imaginárias.  
Fonte: registro dos autores.



Durante a pintura, observamos que algumas crianças eram mais detalhistas e essas foram chamadas para o trabalho muito específico de finalização das pequenas áreas que ficaram sem pintar, dar acabamentos, etc. Como resultado obtivemos duas grandes pinturas lindas, feitas colaborativamente e totalmente a partir das ideias das crianças.

## Considerações finais

**Ó passar-se invisível pela alma da alameda de casas espaçosas  
Imaginando a feição ideal dentro de cada uma!**

**Ir recebendo um pouco de poesia no peito  
Sem lembranças do mundo, sem começo...**

**Chegar ao fim sem saber que passou**

**Tranquilo como as casas,**

**Cheio de aroma como os jardins.**

**Desaparecer.**

**Não contar nada a ninguém.**

**Não tentar um poema.**

**Nem olhar o nome na placa.**

**Esquecer.**

**Invisível, deixar apenas que a emoção perdure**

**Fique na nossa vida fresca e incompreensível**

**Um mistério suave alisando para sempre o coração.**

**Manoel de Barros**

O processo aqui apresentado nos fez refletir desde diferentes perspectivas. Em um primeiro momento, vemos como em todas essas proposições há uma potência da articulação das ideias entre distintas áreas de conhecimento artístico, assim como indica a beleza de uma aprendizagem estabelecida entre muito diálogo e colaboração.

Para além disso, o envolvimento de crianças e professores com o espaço escolar, com proposições de intervenção e com a possibilidade de se compreenderem nestes espaços, foi significativo. Entendemos que a escola, espaço de todos, pode e deve ser pensada, modificada e apropriada por

todos os seus ocupantes, inclusive em seu âmbito visual e sonoro. Partir de nós, educadores e educadoras, e dos estudantes, as propostas de mudanças visuais e sonoras do espaço escolar, nos possibilita a potencialização de projetar também mudanças para além dos espaços escolares, pensando uma sociedade visualmente e sonoramente mais saudável.

Foi uma ação tão importante que acabou gerando uma exposição na Galeria Professor Pável, localizada no 2o piso do Colégio e coordenada pelo Programa de Extensão Arte em Trânsito. A exposição “Diálogos sobre Paisagem” apresentou um pouco de todo o processo, articulando inicialmente imagens fotográficas e objetos do processo.

Figura 22, 23 e 24 - Exposição Diálogos sobre Paisagem (Março de 2020)  
Fonte: registro dos autores.





Figura 22 - Exposição Diálogos sobre Paisagem (Março de 2020)  
Fonte: registro dos autores.



### Para saber mais

Para saber mais sobre a exposição online que realizamos em torno das proposições aqui apresentadas, acesse o link:

[https://arteemtransito.com.br/site/pt\\_br/2020/05/dialogos-sobre-paisagem/](https://arteemtransito.com.br/site/pt_br/2020/05/dialogos-sobre-paisagem/)



### Para ver e ouvir

Convidamos você a assistir um dos vídeos em que compilamos todos os processos apresentados, por meio de inúmeros registros fotográficos e sonoros das atividades realizadas. Para acessá-lo, busque no Youtube pelo vídeo **“Diálogos sobre paisagem - vídeo exposição”**.

## Autores



**Pedro Augusto  
Dutra de Oliveira**

pedro.dutra@ufff.br

É educador musical formado em Licenciatura em Música pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com estágio doutoral no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (UC), Portugal. Foi coordenador do curso de Licenciatura em Música no Centro Universitário Claretiano e professor substituto no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atualmente é professor no Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), vice coordenador do Programa de Extensão Arte em Trânsito e orientador no Programa de Residência Docente, na mesma instituição. No âmbito da pesquisa é integrante e pesquisador no MIRADA – Grupo de estudo e pesquisa em visualidades, interculturalidade e formação docente, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e tem trabalhado com os seguintes temas: Práticas Sociais e Processos Educativos; Educação Popular; Educação Musical e Humanização.



**Renata Oliveira  
Caetano**

renata.caetano@ufff.br

Doutora em Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Arte (UERJ/ 2017). Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (UFJF/2012). Especialista em Arte Cultura Visual e Comunicação

(UFJF/2006). Licenciada e Bacharel em Artes (UFJF/2004). É professora de Artes Visuais do Colégio de Aplicação João XXIII e do Programa de Pós-Graduação em História - ICH da Universidade Federal de Juiz de Fora. Como pesquisadora, tem experiência nas áreas de Artes Visuais e História da Arte, com ênfase na relação entre desenho e escrita em manuscritos de artistas, atuando principalmente nos seguintes temas: arte moderna, arte contemporânea, coleções, desenho, relações entre desenho e escrita, arte educação, história da arte e cultura.

## Referências

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*: Manoel de Barros. São Paulo: Editora Leya, 2010.

Cunha, D. S. S. da, & Lima, S. A. de. (2020). A interligação da polivalência com a interdisciplinaridade e o ensino integrado das artes. *Revista Música*, 20(1), 97-120.

FONTEERRADA, Marisa T. de Oliveira. Apresentação. In: SCHAFER, Murray. *Educação Sonora*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009. P. 7-11.

\_\_\_\_\_. Raymond Murray Schafer: o educador musical em um mundo em mudança. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: InterSaberes, 2012. P. 275-303.

SCHAFER, M. O ouvido pensante. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. Educação Sonora. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

\_\_\_\_\_. A afinação do mundo. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. Ouvir Cantar: 75 exercícios para ouvir e criar música. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

HODGE, Susie. *Why is art full of naked people? And other vital questions about art*. London: Thames & Hudson, 2016.